

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega
Portugal (franco de portes m. forte)	2\$800	1\$500	500	5
Collecções ultramarinas (idem)	1\$800	750	250	5
Estrangeiro e India	2\$800	1\$500	500	5

38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1306

Redacção—Administração—Atelier de gravura  
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4

Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto

Largo de S. Roque, 11 e 12

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Imprensa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

10 de Abril de 1915

## Conflagração Europeia



VITORIA DE NEUVE-CHAPELLE — ATAQUE HEROICO DAS TROPAS INGLÊSAS ÀS TRINCHEIRAS ALEMÃS — BRILHANTE FEITO DE ARMAS DO LIVERPOOL REGIMENT

### CRONICA OCCIDENTAL

Notavel de aspectos — a vida publica do nosso paiz...

Pela confusão e difusão, que se vão notando quase simultaneamente em todos os campos de actividade, dir-se-ia que se desenrola o fim dos fins duma parte da nossa cinematografia social. Sómente temos a desejar que não seja de tragedia irremediavel, lodo e sangue, lagrimas e irrisão, o epilogo desta comedia afanosa e suspeita.

Paiza sobre as nossas fronteiras o ameaço duma provação crudelissima — que terá emfim — ai de nós! — o privilegio de unir, coordenar e dar coesão aos elemen-

tos tornados antagonicos da sociedade portuguesa. Isto, como está, é impossivel que permaneça. Seria contra a logica das coisas crer que pode agora predominar sobre a ordem — o desequilibrio, a confusão, o absurdo.

Demais, não se justifica que Deus quizesse lançar sobre este pequeno e mal-aventurado paiz o caos de que libertou o universo, ha muito e muitos seculos já.

Dia a dia, damos ao mundo o espectáculo da nossa incompetencia, falta de tino, ausencia de seriedade — e o mundo teria muito a rir, se outra sorte de espectaculos, mais interessantes e mais absorventes, não nos trouxessem preocupado neste momento. E' de vér como a discordia, a desavença, o desentendi-

mento, irrompem tumultuariamente de todos os lados. Os politicos não se entendem — e ninguem os entende. Um individualismo intransigente lança-os em desvairo — mas individualismo vesgo, de vistas baixas, e rasteirinho. Não relampeja do seu cihar uma scintilla clara de inteligencia. Caminha torvo, por estradas invias, ás escuras — não sabe donde vem, não sabe aonde vai, não sabe onde está, mas apanha sôfregamente quanto de proveito egoista pode alcançar a sua garra de fera assanhada.

Quer dizer, a nossa politica de hoje é meramente pessoal e relesmente pessoal. Formados, *à la diable*, os partidos, eles têm por lema todos: *quem não é por nós, é contra nós!* De resto, cada unidade desses partidos arvorou para si,

em silencio, a divisa implacavel: *quem não é por mim, é contra mim!*

Deste egoismo espesso derivou inevitavelmente a intriga, o tumulto, a anarquia, que se evidenciam de escancara na luta de partidos e ás socancras nas discordias que lavram incoerciveis adentro dos proprios partidos. Na consciencia de cada individuo arde latente o desejo de subordinar aos seu caprichos o seu semelhante e fazer d'ele instrumento da sua vaidade. Consultem-se — e aqueles a que nos referimos, reconhecerão intimamente a realidade destas afirmações...

Entanto, este individualismo baixo péca por maldade e estupidês. Actúa á custa do bem-estar dos outros e resulta a final de contas contraproducente. Em meio da desordem, ninguem pode garantir-se com seguridade no logar em que se encontra, nem confiar ingenuamente na esperanza do dia seguinte. Assim, o capitalista não é senhor do seu numerario, o proprietario não pode firmar-se na certeza dos rendimentos, o professor não toma posse definitiva da sua cathedra, o funcionario não se acomoda á sua secretaria, o comerciante não assegura a transacção, o soldado não conta ao certo com o soldo, nem o obreiro com o salario. A experiencia severa do caso sofre-a, ha muito tempo, esta pequenina nacionalidade, abandonada dos homens e caída da graça de Deus. O nosso descaminho não discorre, por certo, somente de 1910: não dura, talvez, somente, ha um seculo. Mais Muito mais.

Os nossos erros datam já de tão longe — que podemos ir investigar das suas raizes primarias nas tendencias e natureza do nosso espirito.

A intelligencia adquire jus a acreditar que o mal está antes no governo que no principio, que têm presidido aos destinos da nacionalidade portuguesa.

Todavia, cada nação tem o governo que merece — eis um aforismo que alcança, em politica, visos de verdade...

ANTONIO COBEIRA.

## LIVROS NOVOS

*Concessões de serviços publicos — Sua natureza jurídica — por João Maria Tello de Magalhães Collaço.*

Assim se intitula um bem dedusido e meditado estudo, occupando em oitavo cerca de 100 paginas. Synthetisa de um modo concludente a situação e relações jurídicas em que se collocam entre si, e com o publico, os pactuantes, a auctoridade publica, concedente, e o particular, concessionario, na concessão e execução de serviços publicos, segundo sua natureza e objecto.

E' seu autor, a quem devemos o prazer de tão instructiva leitura, o sr. dr João Maria Tello de Magalhães Collaço.

Os pontos que versa nem sempre tem vindo com o mesmo aspecto á tela dos tribunaes, nem sempre tem procurado a propria competencia, se acazo alguma vez alguem a solicitou; no entanto assenta-se n'este trabalho de um

modo claro e preciso que o fundo das concessões d'esta natureza não é objecto de direito civil, porque ahí se trata de delegação de exercicio de funções e cumprimento de deveres inherentes á auctoridade ou corporação que a exercam, e que a um terceiro, o concessionario, defere o encargo de a substituir no desempenho da função ou no cumprimento da obrigação.

E' certo, e o auctor o reconhece, que nos actos de puro direito civil. emquanto lei especial, para cargo determinado, não dispõe de modo diverso, tanto o Estado, como as demais entidades a que a lei concede capacidade civil estão sujeitas áquelle direito, que tanto lhes empece como aproveita; mas desde que se trata da função administrativa que só este direito especial (o administrativo) cria e define, tanto essa função como os actos d'elle derivados cahem sob a competencia e jurisdicção dos seus tribunaes privativos; e assim os conflictos de interesses entre o concedente de serviços publicos e o concessionario so por uma especial disposição de lei podem ser resolvidos no juizo arbitral, quando em absoluto a legitima competencia é a das instancias administrativas.

A concessão de serviços publicos a um particular não os desnatura. E' a propria entidade concedente quem realiza os serviços pela intervenção do concessionario.

O estudo do sr. M. Collaço cuidadosamente distingue entre a prestação de serviços assalariados de natureza civil ou commercial que todos são prestados por particulares a particulares, de todos os outros serviços que são o objecto do seu estudo, e revestem a natureza de serviço publico, definindo precisamente suas características.

Estas, ao de léve, as impressões que nos deixou a leitura d'este interessante trabalho, a nosso ver muito digno de attenção e consulta.

*Ensaio sobre a Inconstitucionalidade das Leis no Direito Português — por João Maria Tello de Magalhães Collaço.*

Um interessante e novo trabalho juridico, devido á proficiente applicação e estudo do sr. dr. João Maria Tello de Magalhães Collaço, *Ensaio sobre a Inconstitucionalidade das leis no direito português*, é a sua dissertação para concurso a assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, (III Grupo — Sciencias Politicas).

Basta considerar o fim a que esta produção scientifica se destina para antecipadamente se reconhecer n'ella o cuidado atento e o esmerado estudo com que foi ellaborado.

Decorre com apurada critica através da historia portuguesa desde os inicios da monarchia, nas suas diversas fazes, até á implantação da monarchia constitucional acentuando as formas da constituição politica da sociedade portuguesa nas suas relações com o poder supremo, condensado e syntetisado no rei, por delegação tacita ou pacto da massa moral e chega á conclusão de que inconstitucionaes teriam sido n'aquelle largo pe-

riodo todas as leis que espoliassem de suas-liberdades, regalias, direitos, uzos e costumes estabellecidos, este ou aquelle dos povos de que o paiz se compunha, ou os obrigassem contra as disposições de seus forais.

Versa depois a hypothese especialmente visada, a inconstitucionalidade das leis em presença das constituições escriptas, e muito particularmente em presença da constituição politica de 21 de agosto de 1911 e chega á conclusão de que são inconstitucionaes todas as leis que desdigam da observancia dos principios em absoluto consignados n'aquelle diploma; isto emquanto á natureza intrinseca e substancia preceptiva da lei, inconstitucional em quanto a parte formularia, ou seja pela incompetencia da iniciativa, ou seja pela incapacidade que afecte o poder de que deriva, o poder legislativo integral ou parcialmente em qualquer dos ramos do congresso.

Critica com bom criterio a disposição da constituição que torna dependente da vontade da parte o reconhecimento da validade ou nullidade da lei por inconstitucional; e conclue porque é officio do juiz, cada vez que tem de applicar a lei, conhecer se ella é formulariamente lei por ter obedecido aos tramites de que a constituição faz depender a sua deliberação e promulgação; e depois ainda verificar se não vai de encontro, na sua parte preceptiva, aos principios consagrados na constituição.

Estas as impressões que nos deixou em primeira leitura este interessante, e alguma coisa bem mais do que um *Ensaio*.

Maior e melhor explanação mereceria aqui este valioso estudo, e bem mais que um simples ensaio; mas, da excellencia d'elle da seguro documento o exito obtido pelo seu autor no concurso a que esta Revista já fez referencia em o numero anterior, pag. 100.

SILVA MAFIOS

## Quadras

Teus lindos cabellos d'ouro  
Os cabellos d'essa trança,  
Já soube que eram postigos  
Vieram ha dias de França

O' vida da minha vida  
O' vida dos meus tormentos  
O numero das tuas cartas  
Chega quasi a dois centos!

A tua bocca vermelha  
A bouquita que eu beijei.  
Fugiu não sei para onde,  
Onde ella pára não sei!

E' a palavra saudade  
A mais bonita, talvez.  
Que póde balbuciar  
A bocca d'um portuguez.

Quando foste minha amada  
Pensavas em mim somente,  
Mas hoje por desafronta  
Namoras a toda a gente!

Eu nunca mais te esqueci  
Tu nunca mais me esqueceste!  
O' mulher que foste minha  
O' mulher que me perdeste!

## MUSEU DE SAN-PETERSBURGO



CRUCIFIXÃO DE CHRISTO

*Este bello quadro, a todos os respeitoz, notabilissimo, existe no Museu do Eremitario, em San-Petersburgo. A analyse parece reconhecer n'esta pintura relações com um periodo glorioso da nossa historia. Constante alguns criticos—vê-se no segundo plano, á esquerda do Crucificado o mestre de Avis e seus filhos, D. Duarte e o infante D. Henrique.*

## SAUDADE

**O**lho, em redor de mim, a procurar um vulto...  
A pallida visão do que passou, me alcança  
A saudade subtil á fonte que não cança:  
A aspiração gradual do ser por mais inculto!

Rendo ao passado, então, um ferveroso culto.  
A saudade, se enerva, incita com a esp'rança:  
A recordar, se inclina a alma que descança,  
Porque a saudade é sempre um suavizante indulto.

Olho... procuro aquelle que outr'ora fui.  
Encontro um outro... e já não sei quem sou! Alguem  
Renasce em mim em cada dia, em mim ensombra

Aquelle que, na vespera, na minh'alma flue...  
Beijo o passado e tremo do futuro! Além,  
Em mim crucificado, agonisei na sombra.

Do livro *Noite de Sonhos* a sair brevemente.

MOTTA CABRAL.

## TRECHOS SELECTOS

*Agradecemos ao sr. J. da Matta Oliveira a oferta do seu interessantissimo livro recém-publicado — O Poder Marítimo na Guerra Peninsular — que obteve premio no concurso literario comemorativo da Guerra Peninsular. A tempo, faremos critica apropriada. Hoje, não resistimos ao prazer de publicar nas columnas desta Revista um dos seus mais formosos capitulos — e mais justamente apreciados.*

### A CAMPANHA DE 1814

Estava o mez de janeiro em meio, quando foi notificado ao embaixador francez em Napoles que Murat se desligava de Napoleão. Uma semana depois, a 25, os alliados atravessaram o Rheno: immediatamente o Imperador marchou ao seu encontro, tendo antes entregado a regencia a imperatriz Maria Luiza. Com tão maus auspicios começou a nova campanha; e enquanto nos campos de batalha os exercitos procuravam, por meio de habéis manobras, alcançar a victoria, continuavam os diplomatas negociando uma paz, que a cada momento era perturbada pelo estrondo da artilharia! A mercê dos acontecimentos da guerra fluctuavam as exigencias e as concessões dos diplomatas.

Entre as potencias colligadas não reinava, porém, absoluta harmonia; de vez em quando surgiam graves desintelligencias, que ameaçavam destruir todos os acordos anteriormente celebrados. Enquanto a Austria, mais prudente ou mais astuciosa, aconselhava moderação, para salvar a nova dynastia franceza, a Prussia e a Russia, embriagadas com os seus recentes triumphos, sedentas de vingança, queriam continuar a offensiva a todo o transe e fazel-a tão energicamente que do mesmo golpe derrubassem o Imperio e o Imperador. A victoria de Blucher sobre Napoleão, em Lo Rothière, no dia 1 de fevereiro, applicou, pelo menos apparentemente, as divergencias que se tinham manifestado entre os alliados. Desde aquelle momento nunca mais cessou o seu avanço methodico sobre Paris e a medida que se approximavam da capital da França, iam crescendo de tal maneira as suas exigencias que Caulaincourt — partidario da paz e a quem o Imperador dera carta branca — não chegou a fazer uso dos seus poderes, tão exorbitantes as julgou.

As negociações foram tão interrompidas com geral aprazimento: da parte dos alliados, porque, vendo sorrir-lhes a sorte, não queriam comprometter futuras e provaveis vantagens; do lado de Napoleão, porque esperava que a sua estrella ainda voltasse a brilhar e pudesse readquirir tudo quanto vinha perdendo havia tanto tempo. Effectivamente nos dias 10, 11 e 12 de fevereiro voltou a Fortuna outra vez a sorrir-lhe. Em Champaubert, Montmirail e Chateau Thierry foram batidos os alliados, e logo todos elles, á excepção da Russia, que era movida pelo odio de Alexandre, mostraram disposições mais favoraveis á paz. Esta revira-volta da sorte, com que elles não contavam, lançou-os na maior perplexidade e, á cautela, refrearam as suas ambições, mostrando-se mais gene-



J. DA MATTA OLIVEIRA  
1.º tenente de Marinha

rosos: mas Napoleão illudiu-se com o ephemero brilhar da sua estrella e, imaginando que ella não mais se apagaria, em lugar de aceitar, pelo menos como base provisoria, a solução que lhe offereciam, protelou as negociações propositadamente, na esperança de obter muito mais. Dois dias depois os francezes alcançaram um novo triumpho batendo Blücher em Vauxchamps. Tudo parecia dar razão ao Imperador; a guerra tomava um aspecto inteiramente diverso do que tivera até então; não lhe convinha portanto aceitar as bases que os alliados propunham.

Baldado era, porem, o seu empenho; o ciclo epico do Imperio fechara-se apoz aquellas victorias e, desde então, por toda a parte Napoleão foi batido e inuteis foram todos os esforços empregados para quebrar a cinta de bayonetas, que cada dia mais se apertava em volta d'elle.

Em fins de março, como ultimo recurso, offereceu á Austria a abdicación no rei de Roma, sob a regencia da imperatriz Maria Luiza; era, porem, já demasiadamente tarde Metternich, que em tempos pensara n'essa solução, não podia n'aquelle momento entrar a marcha dos acontecimentos; como todos, tambem teria que ser arrastado por elles até ao fim; um fim que já estava muito proximo e que ninguem poderia evitar.

A 30 d'aquelle mez cahiram em poder dos alliados as alturas que dominam Paris; vinte e quatro horas depois capitulou a cidade; passados dois dias o Senado proclamou a queda de Napoleão e da sua familia. A 20 de abril partiu para a ilha d'Elba — unico dominio que as potencias lhe reconheceram — aquelle que fôra o arbitro da Europa, conservando — suprema irrisão — o titulo de Imperador!

Assim se consumiu no breve espaço de tres mezes uma obra extraordinariamente grande, que vinte annos de continuados esforços não tinham bastado para consolidar.

Até fevereiro conservaram-se os alliados do Sul em quartéis de inverno, esperando que o tempo melhorasse para

recomeçarem as operações, o que instantemente lhes era solicitado pelas potencias do Norte, desejosas que a França fosse ao mesmo tempo atacada energicamente por todos os lados.

O intervallo entre as duas campanhas não foi, todavia, uma epocha de descanso e repouso para as tropas alliadas, porque durante elle se travaram algumas escaramuças, por vezes rijamente disputadas.

Assim que as condições atmosphericas o permittiram, fez recomeçar Wellington as operações de campanha, iniciando para esse fim um movimento de avanço em toda a frente do seu exercito. Coube a Sir John Hope, commandante da ala esquerda dos alliados, investir contra a direita dos francezes. Apresentava, por aquelle lado, grandes difficuldades a passagem do rio, mas Sir John, com auxilio do almirante Penrose, conseguiu vencel-as.

No rio tinham os francezes uma corveta e diferentes embarcações menores, encarregadas de dificultar a passagem do inimigo; o primeiro cuidado dos alliados foi afugental-as d'alli, o que effectivamente alcançaram, depois de as terem batido com fogos de artilheria e foguetes de Congreve.

Com o material necessario para o estabelecimento d'uma ponte no Adour foram de Portugal reunir-se ao exercito alguns dos nossos marinheiros, para, a exemplo do que fazia a França, facilitar o trabalho da passagem dos rios.

Ao cabo de varias tentativas e depois de vencidas as differentes contrariedades experimentadas pela flotilha, que vinha em auxilio do exercito, foi por fim estabelecida ao lado da barra uma ponte sobre o Adour, assegurando inteiramente as communicações entre as suas duas margens. A confiança que os francezes tinham na defeza do rio a juzante de Bayonna, onde os obstaculos que havia a vencer para realizar a passagem eram grandes, foi, como se vê, illudida pela coragem e tenacidade dos alliados.

Logo que uma ponte estabeleceu a ligação entre as duas margens do rio, passou Bayonna a ser estreitamente bloqueada.

Enquanto a esquerda dos alliados se preparava para bloquear Bayonna, o resto do exercito luzo-anglo-hespanhol marchava sobre Orthez, posição em torno da qual Soult reunira o grosso das suas tropas. As posições occupadas pelos francezes tinham sido muito bem escolhidas, o que tornou bastante difficil o ataque dos alliados, tendo havido mesmo uma occasião em que a fortuna pareceu disposta a inclinar-se a favor d'aquelles; por fim logrou o exercito de Wellington não só desalojar o inimigo, mas até comprometter-lhe seriamente a retirada. Valeu então muito aos francezes o superior talento do general que os commandava, o qual em tão criticas circumstancias soube habilmente esquivar-se ao perigo em que o collocaram as acertadas manobras do adversario. N'esta batalha distinguiu-se particularmente a 9.ª brigada portugueza (regimentos de infantaria 11 e 23 e caçadores 7) commandada pelo coronel José de Vasconcellos e Sá, que n'um effectivo de 2.385 homens teve 289 baixas. O total das forças do nosso exercito, presentes na

batalha de Orthez era de 17.614 homens e a perda que sofreram foi de 504, isto é, menos do dobro das experimentadas pela 9.<sup>a</sup> brigada; bastam estes números para mostrar a forma como se portou a unidade do commando do coronel Vasconcellos e Sá.

Soult, depois de ter escapado à perseguição dos aliados, para o que correu bastante o mau tempo, modificou bruscamente a direcção da marcha, aproximando-se dos Pyreneus orientaes para facilitar a sua junção com Suchet. No entretanto conservam-se ainda em Aire algumas tropas francezas, ao encontro das quaes avançaram os aliados.

A inflexão que fizera Soult na sua linha de retirada depois da batalha de Orthez, deixou a descoberto a cidade de Bordeus, onde os partidarios dos Bourbons, vinham, havia tempos, agitando a opinião publica de forma a tornar possível n'aquella cidade a restauração da antiga dynastia franceza. Alguns realistas já anteriormente haviam procurado Wellington, solicitando-lhe o apoio para darem execução aos seus planos, ao que o generalissimo não annuiu, por considerar inopportuna qualquer intervenção directa da sua parte nas luctas partidarias. Como apoz a batalha de Orthez as circumstancias em que se encontrava a França, tanto debaixo do ponto de vista politico como militar, tivessem mudado consideravelmente, entendeu elle que não haveria inconveniente em satisfazer o pedido dos realistas de Bordeus e para lá mandou o marechal Beresford á frente de 12.000 homens, acompanhado pelo duque de Angoulême, que tempos antes fôra juntar-se ao exercito aliado.

A aproximação dos nossos foi a cidade evacuada pelas tropas imperiaes, e as suas chaves entregues pelo *mair* em pessoa ao marechal Beresford. Conta-se tambem que o mesmo funcionario se deu pressa em substituir pelas dos Bourbons as insignias com as côres do Imperio, que até áquelle momento usára!

O duque de Angoulême e o marechal Beresford entraram solemnemente em Bordeus a 12 de março.

Coisa notavel: parece que o destino folgava em que fossemos nós, os aliados do Sul, quem se antecipasse sempre ás outras potencias e lhes dêsse o exemplo nos momentos mais graves.

Fomos nós os primeiros que pisámos o solo da França; foi igualmente com o nosso auxilio que se restaurou em Bordeus, em meados de março, a dynastia legitima, quando em Paris só no começo do mez seguinte o senado proclamou a queda de Napoleão e da sua familia.

Em certa altura da sua retirada julgou Soult a proposito de fazer um movimento offensivo sobre o flanco do exercito aliado, respondendo por esta forma ao ataque de Beresford sobre Bordeus. Pretendia com isto o duque da Dalmacia, que Wellington fosse forçado a chamar para junto de si as forças que destacára sob o commando de Beresford, e que os francezes podessem suffocar a revolta que lavrava em Bordeus e no Sul da França.

O retorno offensivo de Soult, sem ter dado lugar a qualquer grande batalha, occasionou, todavia, uma série de acções, entre as quaes se tornou notavel a de

Viella, onde o tenente Bernardo de Sa Nogueira, mais tarde Marquez de Sa da Bandeira, teve occasião de dar as suas primeiras provas no campo de batalha. (1) A impetuosidade com que o bravo official carregou a frente d'um pequeno numero de soldados, deu origem a que fosse ferido e depois feito prisioneiro, quando foi encontrado como morto no campo da acção.

Soult, inutilizados todos os seus esforços, foi retirando successivamente de Vic Bigorre e Tarbes em direcção a Tolosa. A marcha dos aliados tornou-se então extremamente penosa e demorada, não só por causa do mau estado dos caminhos, mas ainda porque se faziam acompanhar por todo o material do exercito; por isso só a 27 de março alli chegou Wellington, encontrando a cidade já muito bem defendida pelos francezes.

A situação dos aliados tornou-se um pouco embaraçosa, porque, se por um lado se viam forçados a retardar o ataque da cidade em consequencia das defezas que o inimigo levantára na sua frente, por outro lado impunha-se-lhes a necessidade de operar com a maior rapidez, para evitar a possível e provavel junção dos exercitos de Soult e Suchet. Em vista d'isto, Wellington fez activar o mais que pôde os preparativos para o ataque, que foi levado a effeito no dia 10 de abril.

A lucta, a principio indecisa, se não mesmo tomando um aspecto bastante favoravel aos atacados, acabou por se resolver a nosso favor, em consequencia de Soult ter abandonado a cidade na noite de 11 para 12, depois d'um dia inteiro de constante tiroteio e d'aquelle general se ter mostrado muito resolvido a não desamparar a posição que occupava.

Retirando de Tolosa, o exercito francez dirigiu-se para Carcassone.

Esta foi a ultima batalha da Guerra Peninsular, travada por conseguinte, já depois da capitulação de Paris e da abdicção do Imperador.

A 12 entraram os aliados em Tolosa; na vespera, Napoleão, abandonado pelos seus generaes, trahido pelos seus ministros, desprezado pela patria — que elle tanto elevára — odiado pelo povo e esquecido até pela propria familia, renunciava a todos os seus direitos á corôa de França.

Enviados especiaes fizeram logo conhecer aos dois exercitos as condições em que se encontravam a França e as potencias aliadas, por motivo dos acontecimentos que tinham occorrido em Paris, entabulando-se immediatamente negociações para uma suspensão d'armas nos exercitos de Wellington, Soult e Suchet.

Como atraz ficou dito, assim que em Bordeus appareceram os aliados, trataram as tropas imperiaes de abandonar a cidade. Mais tarde, como estas tivessem sido reforçadas e aquelles enfraquecidos em consequencia da retirada da maior parte das forças de occupação, que foram reunir-se ás tropas que estavam debaixo do commando directo de Wellington, tratou o general inglez Dalhousie de obter a cooperação do almirante Penrose para fazer dispersar o inimigo, cuja attitude era pouco tranqui-

lisadora. Effectivamente em 27 de março entraram no Gironda 3 fragatas e varios navios menores, que, operando de concerto com as tropas de terra, causaram grandes prejuizos aos francezes e tomaram ou afundaram todas as embarcações que estavam no rio. Assim os aliados contiveram o inimigo em respeito, até que houve a certeza do que se passára em Paris e se poz termo á guerra.

Em Bayonna Sir John Hope fizera divulgar as noticias que recebera acerca dos acontecimentos politicos e militares occorridos na capital do Imperio nos ultimos dias de março e primeiros de abril; mas os sitiados, julgando que se tratava de um estratagem, realisaram a 14 de abril uma sortida, que apesar de muito impetuosa, não produziu o effeito desejado. Bayonna, não querendo reconhecer o novo estado de coisas, sustentou, sem desanimar, o cêrco desde 27 de fevereiro a 18 de abril.

Retirando lentamente, como quem se aparta d'um logar a que o prendem as mais gratas e brilhantes recordações, assim se foi afastando Suchet do interior de Hespanha e approximando-se da fronteira franceza, que transpoz nos primeiros dias do mez de abril. A traição d'um dos seus ajudantes apressou a queda do dominio francez n'aquella parte da Peninsula, dando ensejo a que algumas praças, que ainda estavam em poder d'elles, se entregasse de boa fé aos hespanhoes, que as bloqueavam.

Ao acordo celebrado entre os generaes em chefe dos exercitos que operavam no Sul da França, succederam-se outras negociações de governo para governo, em virtude das quaes os exercitos aliados evacuarão o territorio inimigo que occupavam, retirando para os seus respectivos paizes. Como era de justiça, na volta foi o nosso bravo exercito recebido por toda a parte com as mais entusiasticas manifestações de apreço e reconhecimento.

Quando, deposto Napoleão e acabada a guerra, as potencias cuidaram de discutir as bases em que devia assentar a paz europeia, uma cruel decepção nos estava reservada; a Inglaterra que tanto se aproveitára do nosso esforço, que nos arrastára até Tolosa, n'uma lucta que já não nos interessava directamente, que nunca nos dispensára de compartilhar-mos a seu lado todos os azares d'uma guerra de vinte annos, agora que nos propunhamos revindicar os nossos direitos sobre aquillo que havíamos perdido ou havíamos conquistado no decurso d'essa mesma guerra, abandonava-nos completamente e desinteressava-se em absoluto do nosso partido! Mas não se limitou a isto a ingratitude britanica, fez mais, deixou sem protesto que os outros, e até os proprios vencidos, nos esbulhassem do que era nosso!

E não se diga que assim procederam porque insignificante tivesse sido o concurso que offerecemos á causa da Europa. Não; para desmentir quem tal dissesse lá estavam os repetidos elogios que o duque de Vitoria fez, com a maxima justiça, aos nossos soldados, a quem um dia chamou os *gallos do exercito*. Para se apreciar o valor da nossa cooperação basta vêr com que empenho elle solicitou o concurso das tropas portuguezas para, ao lado do exercito britanico, ir um anno depois combater con-

(1) André M. do T. do Canto e Castro - O Marquez de Sa da Bandeira, pag. 5.

tra Napoleão, que voltando da ilha d'Elba, novamente punha em perigo a tranquillidade da Europa, artificialmente equilibrada sobre uma debil base de argumentos diplomaticos. Todavia em Lisboa — não obstante tantos e tão recentes agravos da parte d'um paiz que a lealdade com que tinhamos cumprido os deveres de fieis alliados, respondia com o mais requintado egoismo — tudo se preparou para dar immediata satisfação aos desejos de Wellington, e os nossos soldados tambem teriam combatido em Waterloo, na celebre batalha dos gigantes, *come la chiamava immodestamente Lord Wellington* (1), se a tempo houvesse chegado do Rio de Janeiro a autorização necessaria para elles partirem.

Não teve, pois, o exercito nacional occasião de colher novos louros em Waterloo, mas talvez seja compensação bastante para semelhante contrariedade o

felizmente as potencias optaram por Santa Helena, o que nos trouxe a inapreciavel felicidade, a nós portuguezes d'este seculo, que começamos a comprehender melhor e com menos paixão a incomparavel figura do Grande Imperador, de não termos que nos envergonhar d'um ministro como Lord Bathurst e d'um general como Lowe.

J. DA MATTA OLIVEIRA

(1) Tenente de Marinha



### PELO MUNDO FÓRA

A perda nos Dardanellos dos couraçados «Bouvet», «Irresistible» e «Ocean» é attribuida á acção de minas, embora os turcos e allemães insistam em afirmar que aquellas unidades foram a pique pela poderosa artilharia dos fortes.

dirigir se á superficie. Parado o motor, continua o torpedo a sua marcha a determinada profundidade e mediante um machinismo de relojoaria. Ao deter-se este, a mina inunda-se e submerge-se. Póde tambem regular-se o mechanismo de maneira que o torpedo chegue até ao fundo, e ao cabo de certo tempo suba e comece a oscillar.

Julga-se que eram d'essa classe as minas que se empregaram nos *raids* contra Yarmouth e Scarborough.

Em frente d'aquelle porto o submarino inglês «D-5» chocou com uma mina e foi a pique.

Novas unidades foram mandadas atacar os Dardanellos. A *Triple Entente* prepara um golpe decisivo contra a *Turquia*. Para isso a Inglaterra e a França reunirão 300.000 homens no Egypto, ao passo que a Russia concentra 200.000 no mar Negro, proximo da fronteira da



VITORIA DE NEUVE-CHAPELLE — ATAQUE BRUSCO BRITANICO ÁS TRINCHEIRAS ALEMÃS, PERTO DE AUBERS

facto das potencias nos terem dispensado de sermos os carcereiros do glorioso preso. Santa Helena é uma pagina triste e dolorosa na historia da Gran-Bretanha, escripta pelo governo inglez e pelo seu mesquinho delegado Sir Hudson Lowe, que muitos homens generosos d'aquelle grande paiz hoje sentiriam prazer em poder rasgar, ainda que com a lenta e torturante agonia de Napoleão e com todos os ridiculos e ignominiosos martyrios que lhe inflingiram, desaparecesse tambem da memoria universal a lembrança de alguns feitos brilhantes da civilização britanica.

As nossas ilhas do Atlantico foram indicadas para servirem de prisão e sepultura áquelle deante do qual por tanto tempo a Europa se conservou submissa:

(1) Lumbroso — *obr. cit.*, pag. 469.

As minas empregadas pelos turcos são torpedos «Leon», parecidos com os «Whitehead», curtos, e que, segundo as circunstancias, tanto podem ser lançados por meio de tubos como atirados de bordo ao mar.

Segundo o «Naval Annual», são de dois typos: um de 353 millímetros, de diametro e outro de 457, cylindricos e ligeiramente arredondados nos extremos.

Munidos de antennas na extremidade superior, logo que uma d'ellas choca, dá-se a explosão. A altura d'essas machinas, excluidas as antennas, é de 1.595 millímetros. Quanto ao volume, é variavel, conforme a menor ou maior quantidade de explosivos que contenham os torpedos. Ao ser introduzido na agua, o torpedo «Leon» fica quasi vertical, e submerge-se até que o motor, cujo funcionamento se inicia automaticamente, o faz

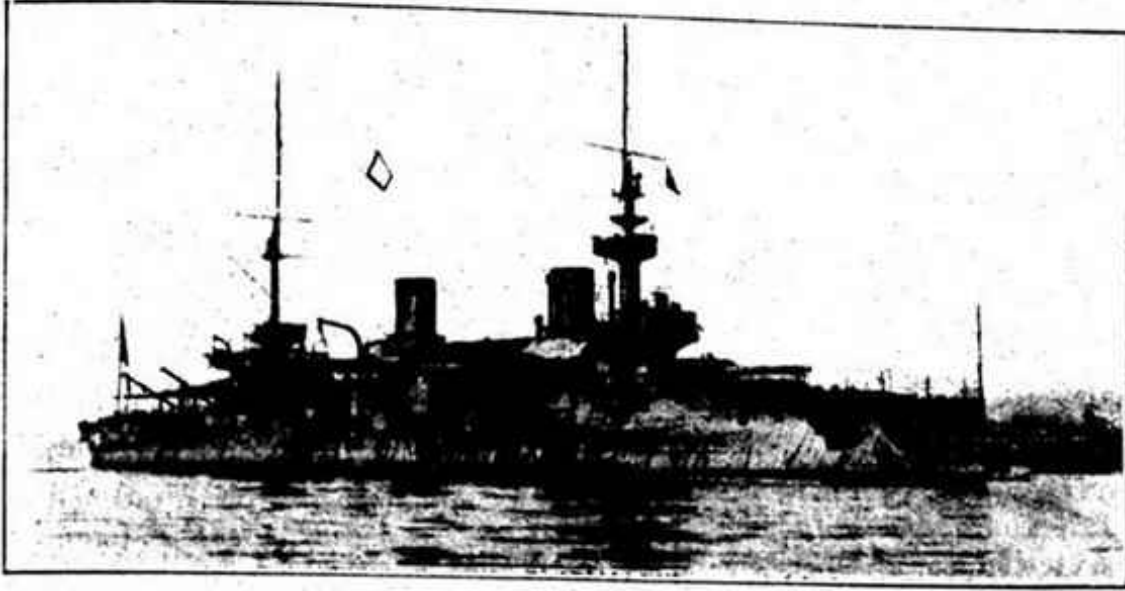
Bulgaria. Estas tropas devem marchar em breve sobre Constantinopla por terra, ao mesmo tempo que a esquadra recommençará o bombardeamento dos Dardanellos.

Os navios russos iniciaram o bombardeamento do *Bosphoro*, á distancia de 18 kilometros.

O exercito turco concentra-se para a defesa dos Dardanellos, sob o commando do general allemão *Liman von Sanders*. O *marechal von der Goltz*, que se dizia ter-se retirado definitivamente da Turquia, voltou novamente a Constantinopla, para assumir o commando supremo.

Os submarinos allemães continuam a afundir navios inglezes e de paizes neutros. Os navios inglezes bombardeiam a costa norte da Belgica e os aviões voam sobre o littoral afim de verificarem o re-

## EUROPEIA



NAVIO FRANCÊS — «BOUVET» QUE SE FEZ AFUNDAR HEROICAMENTE FORCANDO A PASSAGEM DOS DARDANELOS

sultado do bombardeamento dirigido contra *Zeebrugge* e o campo de aviação próximo de *Lisseweghe*.

O canhão trôa constantemente no Yser. Os belgas batem-se valentemente em *Nieuport* e *Lombartzyde*.

Os russos continuam os combates nos *Carpathos* e na *Bukovina*.

Na Austria surgem motins provenientes da rápida invasão russa.

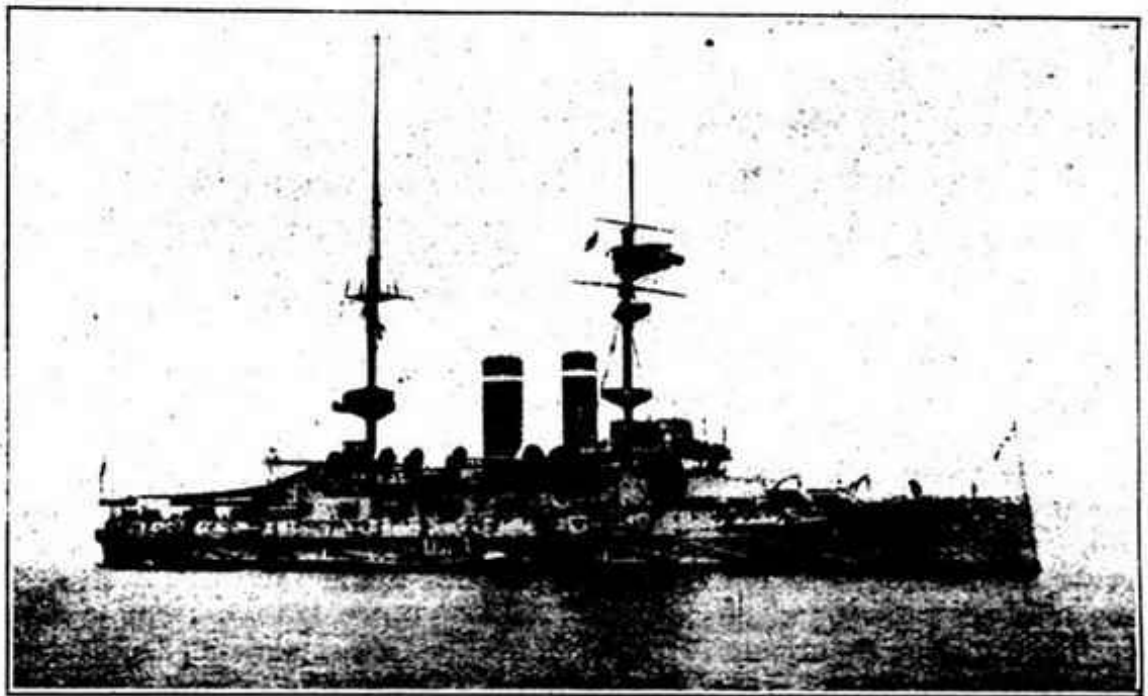
O esforço allemão parece assumir o periodo critico.

A Italia continua a manter-se neutra, o mesmo fazem a Bulgaria, a Rumania e a Grecia, resistindo ás solicitações de alguns partidos favoraveis a intervenção.

Sobre a attitude da Rumania convém lêr o que no jornal «Moldava» escreveu o estadista *Karl*:—O porvir economico depende da posse da foz do Danubio, sem a qual a Rumania não pode existir. Como todos os povos balkanicos, a Rumania tem um interesse comum na conservação da neutralidade dos Dardanellos, e, por conseguinte, os interesses russos estão em opposição com os rumenios. Na conferencia de Londres a Alemanha apoiou os direitos da Rumania no Danubio, e, demais, a Rumania deve á Alemanha em grande parte a sua melhoria economica. A Alemanha necessita tambem da neutralidade dos Dardanellos, e por esta razão os interesses rumenios são identicos aos allemães e austriacos. A neutralidade rumenia é bem um estado de expectativa armada. Se a Rumania entrasse em acção e se apoderasse da *Bessarabia*, esta alcançaria um

augmento de poder que lhe permitiria a conservação do seu exercito e da sua economia em situação normal. Além d'isso a Alemanha, reconhecida, facilitaria o seu melhoramento financeiro.

Alliando-se com a Russia, a Rumania



NAVIO FRANCÊS — «IRRESISTIBLE» — DESTRUIDO POR MINAS NO ESTREITO DE DARDANELOS

ficaria em situação de dependencia russa, e pelo preço d'uma pequena parte da *Transylvania* a Rumania deveria sacrificar a sua dependencia economica.

Alliando-se com a Austria e Alemanha, a Rumania poderia apossar-se de toda a *Bessarabia*, incorporando no seu reino quasi dois milhões de romenios e

teria a garantia da neutralidade dos Dardanellos, e, por conseguinte, completa independencia economica.

Ainda sobre os resultados da guerra devemos registrar a opinião do deputado socialista sueco *Cristieusen*:—Apezar da sua neutralidade, tinha que dizer claramente que uma victoria dos aliados seria o maior perigo para a liberdade dos povos. Se a Russia participasse do Congresso da Paz, isso seria o triumpho da barbaria. Os visinhos da Russia, que não são tão fortes como o imperio allemão, teem sobrados motivos para desejar que a Russia fique esmagada, porque ninguem acreditará já que na Russia seja possivel um novo regimen. A realidade brutal demonstra-nos que sob o regimen russo se opprimem os finlandeses, se expulsam os deputados socialistas da *Duma*, se perseguem os judeus, e se deporta gente innocente.

O «*Novoie Wremia*» dizia ha dias que, na conferencia celebrada em *Malmö* pelos tres soberanos escandinavos, se acordou numa alliança defensiva.

Segundo as clausulas d'esta alliança, a Noruega e a Dinamarca apoiarão a Suecia, se esta fôr atacada pela Russia.

A Suecia e Noruega auxiliarão a Dinamarca se esta fôr atacada pela Alemanha; e a Suecia e a Dinamarca apoiarão a Noruega se a Russia tratar



VOLUNTARIOS DA CITY — A GUARDA NACIONAL MARCHA PARA O PALACIO DE BUCKINGHAM  
Lord Mayor (ao centro X) e o comandante coronel G. T. B. Cobbett (o quarto a contar da esquerda)

anexar territorios norueguêses junto do oceano Arctico.

As ultimas noticias dão como muito tensas as relações entre a Hollanda e a Allemanha, tendo esta enviado já forças de cavallaria para a fronteira hollandesa.

A esquadra allemã, ao voltar d'uma expedição á Russia, achou-se presa nas próprias minas fluctuantes, afundando-se seis grandes vapores allemães. Todo o trafego maritimo está suspenso. A esquadra não podendo por causa das minas, voltar á sua base d'operações, viu-se obrigada a refugiar-se nas ilhas *Gathland* e *Oeland*, até que se conclua a dragagem.

A esquadra turca metteu a pique proximo de Odessa, dois navios russos. Durante as operações chocou o cruzador «Medjidich», que perseguia um caçamina, perto da fortaleza *Otschakow*, com uma mina e afundou-se. A tripulação foi salva pelo resto da esquadra turca.

As tropas sul-africanas ocuparam, sem combate, *Warmbad*, na Africa occidental allemã.

Os allemães empregam esforços desesperados no Yser. Em *Czernowitz* dão-se embates renhidos. A Italia expulsou 300 estrangeiros suspeitos de espionagem.

Ha rumores de paz, mas, no entanto a carnificina prosegue em honra da civilização.

Chegou a primavéra. A luta vai ser tremenda.

Em 19 de Março falleceu em Londres, onde residia ha muito, o anarchista *Fernando Tarrida del Marmol*, professor e jornalista cubano naturalizado espanhol e que se havia exilado em Inglaterra, apoz o assassinato de *Canovas del Castillo*.

Tarrida del Marmol era em Londres um dos maiores propangadistas da Republica Portuguesa, mantendo estreitas relações com alguns dos republicanos portuguezes mais em evidencia, especialmente com o sr. Magalhães Lima.

Como escriptor e jornalista destacam-se do famoso revolucionario o livro *Inquisiteurs d'Espagne* e os artigos despersos no *Depêche*, de Toulonse, *Heraldo de Madrid*, *Fray Mochó*, de Buenos Ayres. Colaborou em revistas e jornaes ingleses e americanos, realisou conferencias nos centros de emigrados russos e armenios e foi muito amigo de *Kropotkin* e de todos os mais celebres refugiados russos.

Esteve preso na famigerada fortaleza de *Moutynich*, em Barcelona cuja descripção, horripilante se encontra no seu livro traduzido em oito linguas. Este revolucionario apaixonado era de uma bondade extrema. Vivia num arrabalde de Londres, no seu «cottage» de *Highams Park*, *Selwyn Avenue*, em companhia da esposa, de quatro filhos, que estremeia, e de orphãos de refugiados russos que este adoptava.

Tarrida foi expulso de Paris por ocasião da morte de *Canovas del Castillo*, em St.<sup>a</sup> Agueda. Este porém, não conhecia nem de nome o assassino do estadista espanhol. A embaixada de Espanha em Paris exigiu a sua expulsão por elle ter pronunciado um discurso contra a monarchia espanhola, no theatro

*Chateau* na tarde em que fôra praticado o crime.

Tarrida del Marmol tinha em alto apreço as letras portuguezas e sabia de cor trechos de *Junqueiro*, *Anthero do Quental* e *Eça de Queiroz* tendo traduzido para o inglês contos de *Julio Dantas*, *T. de Queiroz* e do *Conde de Sabugosa*. Publicou alguns artigos sobre Magalhães Lima, *Theophilo Braga*, etc.

O seu nome está pois intimamente ligado á historia da litteratura portuguesa.

Tendo fallecido, em fins do anno passado, o Geral da Companhia de Jesus — *O Papa Negro*, procedeu-se ha pouco a eleição do seu successor. Coube a sorte ao padre *Wladimiro Ledochowski*, que desempenhava o cargo de assistente para as provincias de Allemanha. Para esclarecimento deve-se acrescentar que o novo Geral dos jesuitas é polaco, e que as provincias allemãs, segundo a interpretação dos partidarios de *Santo Ignacio de Loyola*, abrangem a Allemanha, Austria Hungria, Polonia, Belgica, Hollanda e Portugal.

O novo *Papa Negro* — como é geralmente conhecido nas esferas ecclesiasticas o chefe supremo dos jesuitas — pertence a uma aristocratica familia da *Gallicia*. Nasceu a 7 de Outubro de 1866 e foi admittido na ordem em 1889. É sobrinho do celebre *Mons. Ledochowski*, que se revoltou contra *Bismark* e a quem *Pio IX* nomeou cardeal justamente quando ainda se encontrava preso por ter protestado contra a perseguição religiosa das leis allemãs.

Era candidato a *Papa Negro* o vigario geral da ordem — padre francês *Fine*, cuja eleição não triumphou em consequencia d'este pertencer a uma das nações belligerantes.

Por outro lado, é costume antigo dos jesuitas, especialmente depois da reconstituição da sua Ordem — facto succedido em 1814, sob o pontificado de *Pio VII* — escolher os geraes entre os padres que são subditos de nações pequenas ou de Estados neutros. Com effeito, aos padres *Brzozowski* polaco (1814-1820), succedeu o padre *Fortis*, italiano (1820-1829); depois foi eleito o padre *Roothan*, hollandês (1829-1853); o padre *Bechs*, belga (1853-1887); o padre *Anderley*, suizo (1887-1892); o padre *Martin*, espanhol (1892-1906), e, por ultimo, o padre *Wernz*, allemão eleito em Setembro de 1906 e fallecido o anno passado.

Com excepção, pois, de *Wernz*, todos os mencionados Geraes dos jesuitas pertenciam a pequenas nações, como o era tambem a Italia em principios do seculo passado. Procurou-se assim evitar atrictos e antagonismos perigosos demonstrando a tactica sagacidade da Companhia de Jesus.

Sob o ponto de vista das suas tendencias, o novo Geral representa a mesma corrente moderada do seu antecessor. Este facto é de summa importancia, visto que, como é notorio, se manifestára, no ultimo periodo do pontificado de *Pio X*, uma reacção bastante forte contra as correntes integralistas e intransigentes de que os jesuitas pareciam ser até então, os mais decididos partidarios. O padre *Wernz* e muitos dos seus col-

legas iniciaram tenaz resistencia contra os excessos do integralismo. Esta corrente encontra-se ainda mais fortalecida com a nomeação do padre *Ledochowski*.

Na Austria falleceu o archiduque *Fernando Carlos*, filho do fallecido archiduque *Carlos Lodovico*, irmão do imperador *Francisco José*. O archiduque *F. Carlos*, que tinha 47 annos, era irmão do archiduque *Francisco Fernando*, assassinado em *Serajevo*. Affavel e simples, era muito popular em Vienna, por cujas ruas passeiava muitas vezes sozinho. Frequentava as festas burguezas. Em 1904 encontrou n'um baile a filha d'um professor, *Bertha Czuber* — pela qual sentiu ardente amor, que devia em breve santificar-se pelo casamento, não obstante a opposição do imperador e do archiduque *Francisco Fernando*, que, como se sabe, havia soffrido identicas contrariedades quando quiz casar com a condessa *Chotek*, depois duqueza de *Hohenberg*.

O archiduque *F. Carlos* teve que renunciar a todos os titulos e direitos de membro da familia imperial, para poder desposar, em 1911, a senhora *Czuber*.

O cardeal *Antonio Agliardi*, fallecido em Roma em 20 de Março, nasceu em 1832 n'uma povoação italiana da diocese de *Bergamo*. Em 1855 era arcebispo de *Palestina*, e em 1884 foi enviado ás Indias como delegado do pontifice, estabelecendo ali em 1887 a hierarchia da igreja e realisando um Sinodo em *Bengalore*. Nesse mesmo anno foi nomeado secretario da congregação dos negocios ecclesiasticos e mais tarde nuncio extraordinario em *Munich*, d'onde foi transferido para *Vienna* em Junho de 1893. Em Maio de 1896 foi enviado á Russia como embaixador extraordinario do Vaticano para assistir á coroação do imperador *Nicolau II*, e no mês immediato, apoz o seu regresso de *S. Petersburgo* (hoje *Petrogrado*), recebia o barrete cardinalicio, succedendo, em *Albano*, ao cardeal *Verga*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



## Folhas soltas

*La Spinala, opera portugueza de 1739*

Em um serão de arte portugueza antiga, realisado no theatro de *S. Carlos*, em a noite de 25 do mez passado, promovido pela *Federação Academica de Lisboa*, entre varios numeros curiosos do programma figurou um trecho e uma aria da opera *La Spinala* de *Francisco Antonio d'Almeida*, compositor portuguez na primeira metade do seculo XVIII.

Ha muito tempo que fui dos primeiros que alvitrei nas execuções de musicas portuguezas; até agora as minhas palavras cahiram n'esse terrivel abysmo do esquecimento, porém agora que um certo gosto pela musica, ainda que com laivos de *senobismo*, começa a germinar, já vou vendo elaborações de concertos com musica portugueza antiga e moderna. Este serão, foi, uma festa de estudantes, mas com tal colorido d'arte,



que não devo deixar de lhe dar todos os meus applausos, apesar de ter ainda apparecido uma critica que lhe chamou uma *noite massadora*.

Um dos numeros mais interessantes foi, quanto a mim, a *Spinalba*.

O auctor d'esta opera marca em a nossa historia musical um lugar em destaque. Viveu em uma epoca deveras curiosa, em que a musica italiana teve sobre os nossos artistas uma grande influencia. O casamento de D. João V com uma princeza d'Austria, trouxe para a corte o uso das operas, representações italianas; o rei por outro lado, desejando dar fausto ás suas festas mandou vir artistas, estando em a nossa capital Domingos Scarlatti sendo professor da filha de D. João V. Enviando artistas para o estrangeiro, como lá esteve Antonio Teixeira, o auctor de um *Te-Deum* para vinte vozes cantado em S. Roque, e provavel que F. A. d'Almeida lá estivesse, pois a sua forma de escrever possui todo o traço italiano.

A sua obra não é vasta, pois contem as seguintes: *La Spinalba*, *La Pazienza di Socrate*, *La Fuita Paçca*, *Le Virtú Trionfanti*, *L'Ippolyto*, e varios trechos religiosos.

A sua opera completa é *La Spinalba*, cantada no carnaval de 1739 no Real Palacio de Lisboa. Tem tres actos e varios quadros com as seguintes figuras:

*Spinalba* (soprano), *Elisa* (outro soprano) *Dionara* (contralto), *Vesperina* (outro soprano), dois tenores, um barytono e um baixo.

Cantou uma *aria* d'esta opera do papel de *Spinalba* a distincta amadora de canto D. Magdalena Metelo Antunes.

Se não fossem estas senhoras amadoras de canto, não sei como seriam os nossos concertos.

Os nossos artistas, sem escola, não passam das *revistas do anno*, e das *operetas austriacas*, estropiadas a capricho pelas suas lindas vozes e assim andamos sempre. Ah! como poderíamos ouvir essas romanzas de salão, trechos d'opera, se não fossem essas senhoras?!

O genero de musica da epoca da *Spinalba*, não é do mais facil a ser bem cantado. Além de pedir boa voz, necessita que esta seja maleavel e que tenha escola, ora a sr.<sup>a</sup> Metelo Antunes possui estes requisitos.

Discipula de *Madame Mantelli*, tem sabido aproveitar todos os seus conselhos, e mostrou bem em evidencia os seus dotes vocaes, pela forma como cantou com orchestra a *aria* da *Spinalba*.

Para que uma amadora conseguisse agradar, em um palco como o do nosso S. Carlos, é necessario não ser uma cantora vulgar.

Aquella musica, que personifica uma escola, não é uma romanza de todos os dias, necessita ser cantada com a cor da epoca e foi isso que aconteceu.

Com elementos semelhantes quantos concertos curiosos e educativos se poderiam arranjar.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



### Exposição Fotografica

Registou ha dias a imprensa diaria, com bem merecidas referencias, a exposição que o sr. B. dos Santos Leitão realisou na Sociedade Portuguesa de Photographia, aberta desde fins de março

ultimo até aos primeiros dias d'este mez de abril.

O local onde a exposição foi levada a efeito faz logo presumir a natureza dos objectos expostos; productos photographicos, embora annunciada como de Bromoleos, pela circumstancia especial de serem as photographias impressas a tintas de o'eo.

Esta forma de exhibição photographica poderia trazer á ideia esses lindos e delicados trabalhos da photo-miniatura, que se obtem pela transparencia das imagens, a cujo inverso se applicam as apropriadas cores; mas para o espectador, sem melhor prevenção artistica, a surpresa é completa ao entrar no salão, em que nos espera uma coleção de quadros a oleo, uns vinte e tres se não mais; ampliações das pequeninas photographias que os documentam, inferiormente fixadas ao lado externo das molduras.

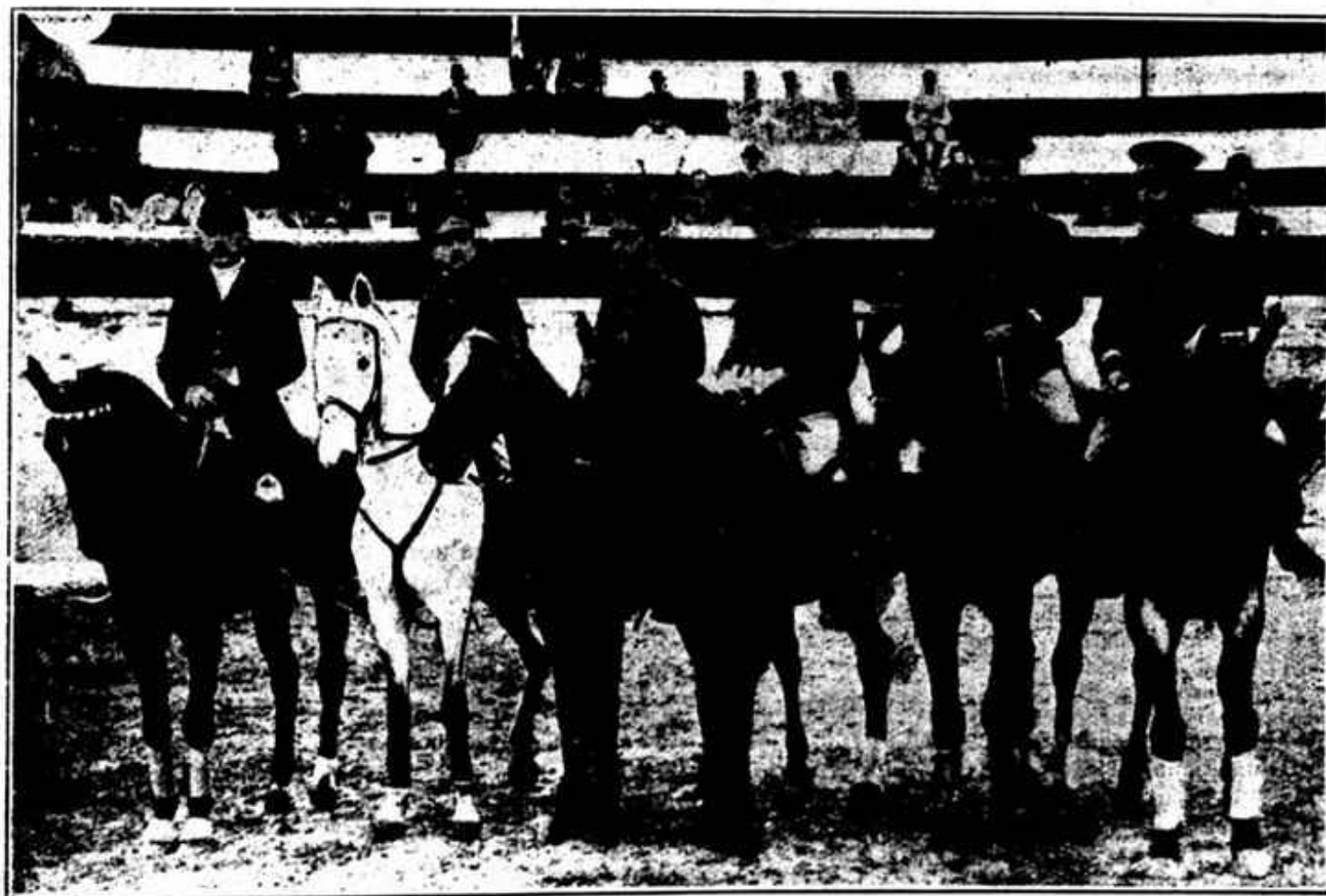
Entre aquelle numero de quadros avultavam treze de paisagem aquatica ou terrestre que pela beleza e feliz escolha do ponto de vista se impunham; outros em que o movimento e a expressão eram flagrantes; destacavam-se entre estes os quadros «Satisfação», «Curiosidade» e o «Barqueiro» de «Constancia» e emquanto aos primeiros eram de uma suprema e sugestiva verdade os quadros, «Puchando a rede» e a «Chegada do peixe».

O processo da impressão por demasiado tecnico e scientifico, porque entra pelos dominios da chimica fóra, não me prendeu nem surpreendeu; hoje que a tudo chega o poder da sciencia e da intelligencia humana não ha maravilha que venha a causar espanto, basta procurar, acertar com o caminho e persistir, que sempre se chega e o sr. Santos Leitão teve a sorte de chegar a bom termo.

Foi tanto de agrado do publico o seu trabalho, concorreram á exposição tantos e tão intelligentes amadores, apezar da rigorosa intemperie que tustigou Lisboa na maior parte dos dias que a exposição durou, que na ja obstou ao seu exito extraordinario. a ponto de serem os quadros em numero inferior aos amadores que desejavam adquiri-los.

Esta breve noticia depois de encerrada a exposição e vendidos todos os quadros não representa a intenção de um reclame á obra do sr. Santos Leitão, e só como um acontecimento de arte poderia ter registo nas columnas de «O OCCIDENTE».

SILVA MATTOS



CONCURSO HIPICO EM PALHAVÁ EM BENEFICIO DA CRUZ VERMELHA  
Vencedores da Prova Civil e Militar — da esquerda para a direita, srs. Silva Carvalho, Afonso Botelho, Ruy de Menezes, Alfredo Cintra, Carlos Veloso e Manuel Latino

Realisou-se com bastante brilho o concurso hipico organizado pela Sociedade Hipica Portuguesa, no dia 4 do corrente. A concorrência foi regular e as provas resultaram magnificas, principalmente a *Civil-Militar* e a de *Patrulhas de Exploração*, executadas pela primeira vez. Na *Prova Civil-Militar* ganhou o sr. Silva Carvalho o primeiro premio, medalha *vermel*, no *Shamrock*. Seguiram-se na classificação: Afonso Botelho, no *Pé-leve*, sem faltas, em 1 m. 42 s. (medalha de *vermel*); Ruy de Menezes, no *Gafanhoto*, sem faltas, em 1 m. 45 s.  $\frac{2}{3}$  (medalha de prata); Alfredo Cintra, no *Lanceiro*, com meia falta, em 1 m. 36 s.  $\frac{1}{2}$  (medalha de prata); tenente Carlos Veloso, no *Géant*, com 1 falta, em 1 m. 35 s.  $\frac{2}{3}$  (medalha de cobre); Manuel Latino, no *Boby*, com 2 faltas, em 1 m. 59 s. (medalha de cobre).

Na *Prova de Parellhas*, obtiveram o primeiro premio, medalha *vermel*, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Reis e o sr. Capitão Latino, montando respectivamente a *Florette* e o *Boby*. Pelos mesmos foi ganho tambem o segundo premio, medalha de prata, montando respectivamente o *Canario* e o *Turido*. Na prova *Patrulhas de Exploração*, foi vencedor a de cavalaria 2, sendo esta prova das que mais interessou o publico pela novidade.

## Pelos Teatros

Ginasio

Palavras de critica, que não de má-lingua. Basta-nos o respeito que temos pelos leitores do «Occidente» para não nos tornarmos cúmplices de desvaivos e não calarmos aplausos onde eles caibam e se ajustem.

E se nisto não transparece um sentido de cultura e de critica, é fácil adivinhar, através da intenção formulada, um comentário serio, social e humano.

Tomámos hontem guia para a bilheteira do Ginasio e dentro em pouco instalados num confortável fauteuil aguardamos a subida do pano.

la representar-se a comedia 4028 Lx, adaptada pelo sr. Andre Brun.

Nós que não temos o faro ou o insimeto, para falar mais humanamente, que nos faz antever a importancia duma peça, podemos assegurar vaidosamente ao leitor que a adivinhamos e pressentimos.

Entrevimos, através do titulo, uma destas peças ligeiras e facéis que roçam levemente por nós, e que são tecidas para um publico que não vive para pensar nem para sentir, mas para rir.

Não nos enganamos

Com effeito, o que percorre a peça não é uma idiotice mas também não é uma ideia.

Vejamos:

Jorge havia sido um D Juan, tivera muitas amantes. Fora um bohemio. Hoje vivia casado com Lucrecia, uma viuva—herança exquisita e original dum maduro que ao morrer lh'a legara com uma fortuna regular e uma carta fulminante. Nesta carta, Borges, o primeiro marido denunciava Lucrecia a Jorge, acusava-a de infiel.

Grande escandalo, nenhuma preocupação de decoro, a roupa suja lavada ao ar livre deante de convidados, e nenhum recato e isso de tal modo que a gente começa a apiedar-se de Lucrecia.

Mas essa compaixão não dura muito.

É porque não? Se a vemos a mercê de pouco brio do marido dando-nos uma impressão de tortura, vemos-la também acabar — oh! a virtude! — muito friamente por se decidir a ajustar-se á suspeita que Jorge faria do seu caracter, imaginando arranjar um amante.

Pouca logica e pouca moral.

Cabe agora perguntar: tivera ella realmente amantes?

Havia 2 anos que Lucrecia, na confusão da saída dum baile de mascarar onde tinha ido com seu marido—o Borges— deu o braço a um individuo mascarado que julgou ser ele. Entram ambos num automovel e ella só reconhece o engano deante do marido. D'ahi a carta denunciadora.

Ao cabo dum inquerito cuidadoso Jorge averigua que o desconhecido que acompanhara Lucrecia ao automovel era elle mesmo. Reconciliam-se, como é natural.

Apareceu outras outras figuras subsidiarias, por exemplo uma historica roida pelo desejo esbraseante de possuir um marido, um amante, um homem.

E uma creatura ridicua, adiantando se em galanteios, mas sempre em vão, porque as mulheres só valem quando são belas e adoravelmente difficeis.

Ainda dois velhotes, um tabelião e um medico disfructam á laia de rotativismo, as atenções de Gilberta que é solteira mas fantasia um marido cujo papel e exercido pelo primeiro quando o segundo espera e vice versa.

Eis a peça. Não nos agradou, mas se o criterio aos empresarios é o criterio ordinario do publico, se dum modo indirecto é o publico quem escolhe os empresarios terão razão. Terão? Discutiremos.

Nós quereíamos ver a vida pura e encantadora, certas attitudes, a mobilidade profunda, a tormenta das almas ou sua alegria calma, o comico que faz rir, fazendo pensar, o rival dum sentimento e duma consciencia serios.



## ROMANCE

M Delyne

## A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente.)

No castello, a condessa e as filhas inquietavam-se vendo que o inverno se aproximava. O principe Milcza não fazia allusão a estada habitual de sua mãe em

Vienna. Ia-se acostumando definitivamente a esta visita da tarde no salão da condessa e esta também notava como as suas filhas que seriam condemnadas a passar o inverno em Voraczy.

Ouvindo lamentarem se sobre este caso, Myrto tinha immensa vontade de responder, mas achava melhor não intervir. Não tinham ellas obrigação de se sentirem contentes em o verem voltar a uma nova vida?! Não deveriam sacrificar os seus futeis divertimentos?

— Eu gostaria muito mais de ficar em Voraczy, dizia Renato. Ficamos ambos, sim Myrto?

— Nós tres, acrescentou Mitzi apoiando a sua cabeça loura no traco da prima.

O encanto de Myrto cahia sobre as duas crianças, que lhe obedeciam cegamente.

Uma tarde que a condessa e as filhas mais velhas foram passear a um lugar proximo, Myrto levou as mais novas para mais longe, deixando Rosa encarregada da correspondencia. Depois de terem caminhado por algum tempo pararam na margem de um pequeno rio. Os guardas do principe não tinham passado por alli, tudo estava coberto de flores. Enquanto que Myrto começava a trabalhar, as pequenas faziam uma enorme colheita de flores que vinham colocar aos pés de Myrto.

— Para quê, tantas flores! disse Myrto, não as podemos levar para o castello...

— Ah! credo! disse Mitzi com receio. O principe zangou se tanto com Terka, ha dois annos, somente por se ter esquecido de tirar uma flor do vestido!

— Que ideias! as flores são tão bonitas! disse Renato. Olha, Mitzi vamos enfeitar Myrto com flores, será a deusa das flores do campo.

Ambos se riram, e Myrto prestou-se a brincadeira das creanças. D'ahi a pouco estava completamente cheia de flores.

— Allí, no bosque, disse Renato, ha umas flores amarel as muito bonitas, vamos busca-las Mitzi.

— Não quero que vão para longe, disse Myrto.

Os pequenos partiram correndo muito alegres, ao passo que Myrto poz-se de novo a trabalhar.

Um palido sol de outomno envolvia Myrto: esta coberta de flores parecia uma figura ideal no meio do bosque. Quando ella, passados uns momentos levantou a cabeça deu um pequeno grito abafado de emoção. Quasi em frente d'ella encostado a um tronco estava o principe Milcza. Estava palido, no seu rosto estava vincada uma profunda tristeza!

Myrto tirou logo as flores que estavam na cabeça. Mas Milcza disse logo:

— Deixe-as ficar, então!

— Foram as creanças a brincar.

— Não é mal nenhum, vejo que adora as flores.

— Immenso. Minha mãe também gostava de flores, vivemos sempre rodeadas d'ellas.

— Quer dizer, que tem vivido agora, privada de tal prazer... antigamente também gostava muito de flores.

— Sim!

— O meu erro foi de ás ver a todas igualmente. Não reflecti que ha flores boas, muito boas, e outras mas, muito más. Chegou um dia que as comprehendí... as flores são para a mocidade, ja

vê que não podia zangar me de a ver com tantas flores.

Elle queria fallar calmamente, mas Myrto bem viu que elle sentia uma forte emoção.

Sem dizer palavra, despediu-se de Myrto e afastou-se lentamente.

Quando as creanças chegaram, encontraram Myrto, sem trabalhar, olhando vagamente para o chão, com aspecto pensativo.

D'ahi a momentos, tomaram o caminho do palacio.

O principe, chegou mais tarde para o chá. Apresentava um ar distraido. Apenas se assentou disse para a condessa:

— Minha mãe deverá pensar na sua estada habitual em Vienna.

A condessa, um instante, indecisa respondeu:

— Sim, já pensei... mas tu gostas de estar aqui...

— Não pretendo que mudem de habitos... nem impôr que passem um inverno aqui.

— Da melhor vontade o passaremos aqui, por tua causa.

— Agradeço, mas não aceito o sacrificio. Estou destinado á solidão.

Sob a sua tranquillidade altiva, Myrto acreditou sentir um desgosto immenso, uma especie de desespero.

Com o coração apertado ella pensou que elle iria cahir outra vez na misanthropia feroz, e uma indignação sentiu quando notou nos olhos de Irene uma franca alegria, e uma enorme satisfação no rosto de Terka...

Ah! não deveriam ser assim para o principe, mas sim dizer-lhe:

«Que nos importam as festas, se a nossa estada aqui, te causam alegria? Mas ellas não podiam ter tal pensamento!

Myrto não se enganára, Milcza cada vez estava mais solitario. A' hora do chá não apparecia, e no parque raras vezes.

Em compensação, dedicava-se á musica e Myrto ao atravessar os jardins, muitas vezes ouvia os sons do piano ou do orgão.

Os preparativos da partida iam-se fazendo lentamente. A condessa não queria mostrar ao filho muita vontade de se retirar.

— Estou inquieta por Milcza, temo que voltem as ideias negras, disse a condessa.

— Porque não fica? disse Myrto.

— Ficar?! depois de ter mostrado a sua vontade de estar só?!

— Seria isso o seu pensamento?

— Não tenho nenhuma duvida, conheço-o bem.

(Continua)



## O MEZ METEOROLOGICO

Março de 1915

Barômetro.—Max. 770,5 em 5.

Min. 747,4 em 19.

Temperatura.—Max. 22,0 em 7.

Min. 5,3 em 10.

Chuva 148\*1 em 17 dias—havendo chuvas copiosas em periodos de 24 horas.

Nebulosidade—Muito elevada.

Céu limpo ou p. nublado 7 dias.

nublado—17 dias.

encoberto—7 dias.

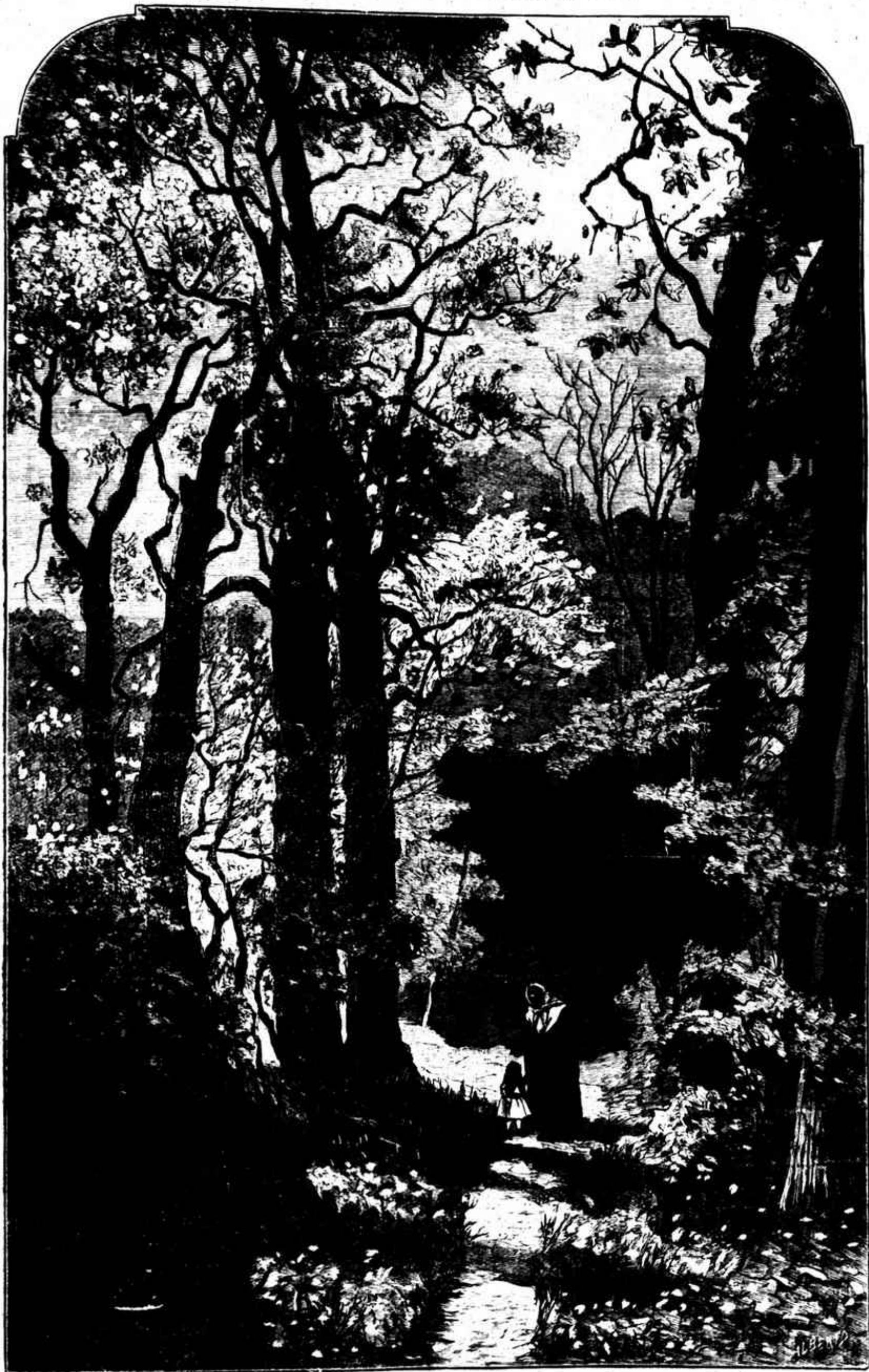
Horas de sol—165 h. 03.

Nevoeiro em 1 e 5.

Trovões em 14.

Trovoadas em 19.

## Galeria do «Occidente»



A Primavera — QUADRO DE ALFREDO KEIL — GRAVURA EM MADEIRA DE CAETANO ALBERTO

Começamos hoje a dar á estampa exemplares da preciosa colecção de gravuras-em-madeira que esta Revista guarda religiosamente. Satisfazemos assim o desejo de Leitores e Artistas — e rendemos homenagem de saudade a essa Arte, cheia de requinte e cheia de espiritualidade, que parece já perdida no turbilhão agreste dos nossos tempos.

# CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes  
— **LARGO DO CALDAS, 1, 2.º** —

**Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:**

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Photo-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crystalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

## CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2.º — LISBOA

## TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

**11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12**

\* \* \* \* \* LISBOA \* \* \* \* \*

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. \* \*



### Preparado

que  
por completo  
tira a caspa

e  
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise  
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

### Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes  
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa  
DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfeccção meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

### Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licóres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptizados e solzeas

### Livraria Ingleza

DE  
**M. LEWTAS & TABOADA**

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Grande sortimento de livros infantis proprios para presentes de creanças, livros de estudo ingleses para todas as classes adoptados nos lyceus.

Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis

Sortimento de guarda-chuvas, bengalas sombrinhas, tudo a preços limitados

138, R. do Arsenal, 144

### Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

### CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

### Atelier Photo-Chimi-Graphico

J. MARINHO

CALÇADA DA GLORIA, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 2189

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-Londres 1904

**Xarope Peitoral James**

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888,

Paris 1889, Belem 1893,

Lisboa 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Merceo contra todas as afecções dos orgãos respiratorios, taes como: tossees rebeldes ou convulsivas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brasil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Deposito Geral: FARMACIA FRANCO, FILHOS

PEDRO FRANCO & C.ª

Rua de Belem, 147 — LISBOA